

## 11 a 14 Out **Penthesilia** dança solitária para uma heroína apaixonada

Quinta a Sábado às 21h00  
Domingo às 17h30  
Sala Principal, m/16

Sessão com interpretação em  
Língua Gestual Portuguesa:  
14 Out, às 17h30

com

Nicole Kehrberger  
**Penthesilia**  
Emanuele Sciannamea  
**Aquiles**  
Carla Bolito  
**Corifeu 1**  
Martim Pedroso  
**Corifeu 2**

Um espectáculo de Martim  
Pedroso a partir da *Penthesilea* de  
Heinrich von Kleist traduzido para  
português por Rafael Gomes Filipe

Direcção artística,  
dramaturgia e encenação  
Martim Pedroso  
Coreografia e movimento  
Emanuele Sciannamea  
Apoio vocal na criação  
Luís Madureira  
Video  
Miguel Pratas, Nuno Pereira  
Desenho de luz  
Mafalda Oliveira  
Desenho de som  
Ricardo Figueiredo  
Direcção técnica  
Alexandre Costa  
Som  
Guilherme Barbosa  
Figurinos  
João Telmo  
Colaboração artística  
Nelson Guerreiro  
Produção executiva  
Cristina Pereira  
Produção e difusão Itália  
Stefano Mazzotta

## QUANDO TOMBASTE, ESTE CORAÇÃO INVEJOU O PÓ QUE ACOLHEU O TEU CORPO...

Nelson Guerreiro (colaboração artística)

*O amor é uma ficção essencial; não é que o amor por vezes comete erros, mas sim que é, essencialmente, um erro. O que se toma por dedicação a uma pessoa é desmascarado como sendo mais uma dança do eu solitário.*

Susan Sontag in *Contra a Interpretação e outros ensaios*

### Sobre este espectáculo (visto de fora)

Este é um espectáculo que quer produzir imagens como se fossem plumas, capazes de vos - caros espectadores - transportar para um campo de batalha da Guerra de Tróia que opõe gregos e troianos, mas também para uma Festa das Rosas, e como tudo o fizesse prever, para o leito da morte de um amor impossível, num ritmo eletrizante.

Houve uma pergunta que ressaltou desde o início. A saber: qual é o sentido de fazer agora um texto considerado uma das obras maiores do teatro romântico? Procurando resposta adequada descortinei, para além de uma pertinência artística, uma necessidade de articulação com a biografia de Martim Pedroso e, por consequência, de todos aqueles que o acompanham neste enfrentamento. Esclareça-se, por isso, que o que animou Martim Pedroso a trabalhar este texto não foi apenas o seu estatuto de obra clássica, mas o atravessamento desta história e das suas palavras. Porque não se quis, como é habitual quando se “pega” num clássico, reconhecer que não se poderiam reescrever estas palavras, actualizando-as (en) cenicamente.

Comprovativo disso, é o esquartejamento do texto cuja edição reverte em prolo do espectáculo. Portanto, essa operação quis que os actores experimentassem essas mesmas palavras, dando-lhes a oportunidade de as incorporarem. Esses corpos-movimento-e-voz vão confrontar-nos com um género de amor que arrebatava e vocifera, lembrando que já quase ninguém ama assim, seja por medo, descrença, trauma ou tão só incapacidade.

Este espectáculo precede de uma profunda admiração por esta peça de heróis imaturos, expressão usada por Rafael Gomes Filipe no prefácio da sua tradução. Acolhida como um hino à imaturidade dos afectos, tema aliás que, no séc. XX, vem a ser desenvolvido por tantos outros dramaturgos e realizadores, esta peça arquetípica de Kleist dos primórdios de 1800, nomeia a alegria e a dor como emoções igualmente funestas que fazem parte da loucura, ao mesmo tempo que aponta o descontrolo emocional como causa mais ou menos directa da repressão de sentimentos que a sociedade sempre exerceu no indivíduo. Frases como - “Ah mísero coração que não te sabes moderar!” povoam o texto e antecipam um imaginário que mais tem a ver com a psicologia dos nossos tempos.

### O amor em tempos de cólera

Através das poéticas (e não menos terríveis) vozes daqueles heróis antigos, como que imbuídos de um espírito *punch drunk love*, quer-se sobretudo celebrar a força do amor, e constatar-se de que somos demasiado imaturos para lidar com tal subjectividade ou mistério.

É que, nestes tempos, o amor só parece poder aspirar a ser uma emoção museológica que jaz no panteão da aparelhagem sensorial da contemporaneidade, enquanto uma incerteza deliciosa ou uma contradição pujante da nossa humanidade. E nisto esquecemos que já houve quem amasse ao ponto de (se) matar.

É sob este enlevo que devemos lidar com este texto e com este espectáculo. Abra-se o coração. Esqueça-se o que nos dizem hoje sobre o amor, pois só assim conseguiremos lidar e nos enquadrar neste drama existencialista cujo confronto nos vai lembrar que vivemos numa sociedade que nos afasta da natureza e da importância dos nossos sentimentos, perda e entregue à solidão e ao individualismo com a agravante de acreditar que estamos a evoluir tecnicamente de forma incontável, sentindo-nos cada vez mais próximos. *O que este texto nos dá é o pressentimento do que pode ser viver num clima inumano onde os afectos perderam o seu véu púdico e trespassam os corpos como flechas, nus, crus e incalculáveis.*<sup>1</sup>

#### Intérpretes palco

Carla Bolito, Emanuele Sciannamea, Martim Pedroso, Nicole Kehrberger

#### Intérpretes vídeo

Ana Ribeiro, Cláudia Efe, Gracinda Nave, Margarida Cardeal, Maria Ana Filipe, Paula Só, Sofia Soares Ribeiro

#### Intérpretes da cidade de Lisboa

Alexandre Tavares, Catarina Aidos, Catarina Barata Feio, Catarina Campos Costa, Cláudia Sequeira, Cláudio Lima, Diletta Bindi, Filippa Acheiga, Filipe Baracho, Francisca Mantas, Francisco Martinez, Herivelton Santana, Joana Paes de Freitas, Joana Tomás, Laura Gonçalo, Maira Santos, Marc Xavier, Maria Aguayo, Mariana Natvarial, Marta Moreira, Maurícia Neves, Mónica Talina, Patrícia Susana Cairrão, Ricardo Barbosa, Sérgio Ferreira, Sofia Abreu, Sofia Ferreira, Statt Miller, Tiago Cavaleiro, Vânia Ribeiro, Vítor Silva e Panfarrá do Corpo de Bombeiros Voluntários Lisbonenses (com Catarina Gonçalves, Cátia Gonçalves, Emanuel Pacheco, Gonçalo Alves, Joana Gonçalves, Joaquim Oliveira, Raphael Corroyer, Rui Alves)

#### Uma co-produção

Materiais Diversos, Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, Cie. Zerogrammi e SLTM

#### Apoios

Goethe-Institut, Fonds Robert Cimetta, TPE Regione Piemonte

#### Apoios à residência

GDA, Galeria Zé dos Bois, RE.AL, La Corte Ospitale

#### Agradecimentos

Anna Carvalho, Bruno Sousa, Carla Galvão, Carlos Alves, David La Rua, Fabiola Lebre, Filipe Valentim, Francisco Ramos, Giuliano Di Bello, Gustavo Vargas, Inês Rosado, Iolanda Laranjeiro, Joana Brandão, Joana Freitas, Joana Sequeira Dias, João Diogo Roque, Luciano Balisa Cavaco, Márcia Cardoso, Marta Furtado, Neusa Dias, Paola Capriolo, Patrícia Portela, Pedro Barbeitos, Pedro Luzindro, Rafael Gomes Filipe, Rita Frazão, Rudolfo Freitas, Silvia Battaglio, Sofia Brito, Sofia Correia, Statt Miller, Tânia Pais Monteiro, Thomas Walgrave, Tiago Barbosa, Tónan Quito, Vera Kolodzig.

A Materiais Diversos é uma estrutura financiada por Governo de Portugal - Secretário de Estado da Cultura / DGArtes.



WWW.TEATROSAOLUIZ.PT  
RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO, 38  
1200-027 LISBOA; TEL: 213 257 640  
GERAL@TEATROSAOLUIZ.PT



Hoje, a exacerbação dos sentimentos é um comportamento que, na maior parte das vezes, pode ser considerado incorrecto ou pouco saudável do ponto de vista psicológico.

No séc. XIX era o programa literário por excelência. Só a poesia permitia que se pudesse aceitar o sentimento como qualquer coisa de nobre. No fundo, sempre foi esse o papel da arte, e ainda hoje o é: expressar aquela voz que na vida quotidiana acaba por se retrair. Neste texto e neste espectáculo, a exacerbação do amor vem questionar-nos sobre o binómio amor/obsessão. O amor exacerbado leva-nos à obsessão? O que faz com que um sentimento seja desmesurado e que quase não caiba no corpo daquele que sente? Dizer frases como “- Amo-te tanto! Que seria capaz de te comer”, pertencem só ao território literário ou, efectivamente, há quem pense e sinta assim?

Kleist, ao convocar a obsessão do amor, transporta-nos ao lugar da psicose mas, através da metáfora, permite-nos a reflexão sobre o jogo do poder a que o tema dos afectos está intimamente ligado, assim como a questão tão politicamente incorrecta de que o embate de culturas pode ser fatal. Ao mesmo tempo que cria o fascínio nos heróis, leva-os a uma história de impossibilidade. E não terá sido mesmo esse o principal problema destes dois heróis/amantes, esse choque de culturas e de tradições axiológicas? Preferiu-se pensar que sim, antes da questão dos géneros que, para nós, foi menos interessante sublinhar.

Que as vozes se oiçam e entrem no vosso coração, como flechas. Que se sinta a força primeira das palavras, qual testemunhas e cúmplices de uma revolta viva, e que se deixe(m) arrebatado pelo poder convulsivo e extasiado dos discursos, já que o que nos é oferecido é uma iniciação ao terrível. *O belo é tão-só o começo do terrível.* (Rainer Maria Rilke *dixit*).

<sup>1</sup> Mathieu Carrière, *Pour une littérature de guerre, Kleist*, traduzido do alemão por Martin Ziegler e citado por Rafael Gomes Filipe, *Kleist, ou a matilha dos afectos, Op. Cit.*, p. 230.

## AMOR(TE), uma dedicatória

Martim Pedroso (direcção artística, dramaturgia e encenação)

Adeus pés, adeus pernas, adeus coxas, adeus braços, adeus mãos, adeus ombros, adeus peito, adeus pescoço, adeus olhos, adeus boca que amei, ...e que ainda amo. Adeus amor. Adeus e até um dia, na morte. Foi assim que me despedi de um grande sonho um dia antes de iniciar, em Rubiera, os ensaios de *Penthesilia*, um outro grande sonho que me perseguia há dois anos. Por acaso ou não, a fatídica história de Kleist que inspira esta criação, vem tentar dar algumas respostas ao eterno problema do amor que é a aceitação do seu fim ou, mais concretamente, da sua morte. Mesmo acreditando que Aquiles era o homem mais fascinante de toda a Grécia durante a Guerra de Tróia, *Penthesilia*, ignorando ou não a personalidade que tinha à sua frente, viu nele, inesperadamente, aquilo que nem ela soube entender. O mesmo acontecera, provavelmente, ao guerreiro grego. Talvez fora a impossibilidade de um para sempre, esse espectacular e terrível abismo da efeméride, que os tenha ligado. Talvez no preciso instante em que se viram, cada um em seu cavalo, tenham previsto o fatídico desencontro, e todas as vãs tentativas de se juntarem num acto de comunhão dos corpos tenha sido o único e verdadeiro sentido para esse amor. Dedico este espectáculo ao bailarino e coreógrafo Stefano Mazzotta.